

NADA DO QUE FOI SERÁ DE NOVO DO JEITO QUE JÁ FOI UM DIA: A TRANSIÇÃO DO ENSINO FUNDAMENTAL PARA O ENSINO MÉDIO

Maria Adrielly Correia de Castro¹

¹Universidade Federal do Ceará, Fortaleza, CE, Brasil, adriellycastro2805@gmail.com

Resumo

Este trabalho buscou analisar as diferentes perspectivas de cinco estudantes do primeiro ano do Ensino Médio que vivenciam um processo de transição e posteriormente adaptações a novas rotinas escolares. O contato com uma nova realidade, trouxe impactos em seus hábitos de estudo, relações interpessoais e logística de deslocamento. A pesquisa de cunho qualitativo e de campo, bebe majoritariamente das teorias de Vygotsky (1996) e Piaget (1984), utilizando entrevistas para auxiliar a coleta de dados. Com isso, os resultados revelaram que essa dita transição provocou alterações na rotina dos entrevistados, sendo necessária uma reorganização escolar e na vida pessoal destes, portanto, os mesmos desenvolveram novas habilidades de gerenciamento do tempo. Conclui-se que, existem um leque de empecilhos referentes a essa fase, mas também estratégias que os referidos desenvolvem para que possam então gerenciar eficazmente às novas demandas que surgirão no Ensino Médio.

Palavras-Chave: Ensino Fundamental. Ensino Médio. Transição. Rotina.

Introdução

Durante sua vida acadêmica, o estudante passa por mudanças não só em relação aos estudos, mas também aos âmbitos emocionais e sociais. Pensando nisso, entende-se que o processo de aprendizagem demanda uma junção um tanto quanto complexa de fatores que corroboram para a assimilação do que está sendo proposto. Diante desta perspectiva, o aluno que está saindo do Ensino Fundamental (6 a 14 anos) e ingressando no Ensino Médio (15 a 17 anos), tendo contato com as mudanças referidas, são sujeitos a enfrentar um processo que poderá afetar seu processo de aprendizagem e, conseqüentemente, seu desempenho escolar, visto que “As transições de uma etapa de ensino para a outra são sempre marcos importantes na vida dos educandos, que interferem positiva ou negativamente em seu interesse pela escola” (Silva, Paz e Oliveira, 2019, p. 20).

Pensando também no processo de maturação sexual presente nessa idade, Vygotsky (1991) na obra “*Psicologia da Criança*” defende que há um erro nas teorias que afirmam o não surgimento de novos pensamentos na adolescência, ele apresenta uma incoerência entre

autores que defendem tal idéia. Afinal, segundo ele, nessa fase irão surgir novas camadas referentes a personalidade, normalmente influenciadas por fatores como as vivências e o meio cultural dos adolescentes.

Partindo desse ponto de vista, a presente pesquisa surge justamente no intuito de entender os pontos emocionais que cercam a vida dos adolescentes durante essa transição do Ensino Fundamental para o Ensino Médio e o impacto dessas mudanças no social dos mesmos, levando em conta fatores culturais e estruturais. Portanto, serão expostas perspectivas dos que estão nesse processo de transição, através de relatos que foram analisados na procura de entender o impacto da fase citada. Afinal, bebendo das teorias de Vygotsky (1991), o desenvolvimento cognitivo da criança está diretamente ligado ao seu meio social, ou seja, essas mudanças bruscas podem ter impacto sob seu desenvolvimento e aprendizagem. Pensando nisso, metodologicamente, a pesquisa foi desenvolvida de modo qualitativo e com base em um estudo de campo com cinco adolescentes (com idades entre 14 e 15 anos) do Ensino Médio de uma escola pública estadual do município de Fortaleza. O modelo de coleta foi selecionado pela prioridade dos entrevistadores em captar com intensidade a subjetividade dos indivíduos e promover um ambiente dialógico (Freire, 2008). Com isso, entende-se que:

A pesquisa qualitativa envolve o estudo do uso e a coleta de dados de uma variedade de materiais empíricos - estudo de casos; experiência pessoal; introspecção; história de vida; entrevista; artefatos; textos e produções culturais; textos observacionais/registros de campo; históricos interativos e visuais - que descrevem momentos significativos rotineiros e problemáticos na vida dos indivíduos (Denzin *et al.*, 2006, p. 17 *apud* Guerra, 2014, p. 15).

Portanto, vale frisar que primeiramente houve uma formulação de perguntas que levaram em conta um estudo prévio sobre o que seria abordado. Após esse momento, houve uma comunicação e formulação de acordos referentes a dias e horários com o representante da escola. Posteriormente, alguns termos de responsabilidade foram formulados e assinados pelos adolescentes e seus responsáveis, vale ressaltar que os **nomes dos mesmos se manterão em sigilo e os presentes na obra são fictícios**. Por fim, as entrevistas foram realizadas na própria escola e coletadas com o apoio tanto do gravador de áudios do aplicativo *Whatsapp*, quanto do próprio celular. Falas que, ao serem transcritas pelos cinco entrevistadores¹, foram minuciosamente analisadas e categorizadas de acordo com os padrões. Por fim, a estrutura metodológica e o trabalho como um todo, tiveram o objetivo de

¹ Estudantes do curso de Pedagogia da Universidade Federal do Ceará (UFC).

entender como se dá a realidade de cinco adolescentes que estão vivenciando uma transição escolar que implica em questões educacionais, estruturais e sociais.

1. Processos de reorganização do adolescente: da transição à construção de rotinas

A transição do Ensino Fundamental para o Ensino Médio é um momento significativo na vida dos adolescentes. Afinal, acarreta em mudanças no âmbito acadêmico, emocional, social, dentre outros². Esta fase, os desafia a lidar com novas expectativas, tanto no desempenho escolar, quanto às dinâmicas sociais, o que influencia diretamente no seu desenvolvimento psicossocial e cognitivo. Vale ressaltar, que muito da bagagem dos anos anteriores impactam diretamente nesse período, inclusive de acordo os pesquisadores brasileiros da área de Educação Matemática Fiorentini e Lorenzato (2006), esse período pode contribuir para a ampliação das lacunas de aprendizagem oriundas do Ensino Fundamental, fazendo com que dificuldades que poderiam ter sido superadas se intensifiquem ao longo do percurso escolar. Com isso, é possível perceber que este período pode estar associado a fatores como: uma queda inicial no rendimento escolar, ao aumento de níveis de estresse e ansiedade. Fortalecendo mais ainda que entender as complexidades dessa fase é essencial para o desenvolvimento de práticas e políticas que facilitem a adaptação dos alunos.

Pensando nisso, algumas teorias psicológicas e educacionais oferecem perspectivas potentes sobre como os adolescentes lidam e enfrentam essa mudança, como por exemplo os estudos do psicanalista Erik Erikson (1963). O autor, com sua teoria do desenvolvimento psicossocial, descreve a adolescência como um momento em que os jovens passam pela confusão de papéis versus crise de identidade. Durante o processo de transição escolar, a construção da identidade tende a se intensificar, uma vez que os estudantes passam a lidar com novas demandas e responsabilidades. Nesse contexto, as relações sociais – sobretudo com os pares e com figuras de autoridade – assumem papel central na consolidação do senso de identidade (Erikson, 1968).

Além disso, a Teoria do Apego (TA) de John Bowlby (1980) destaca a importância dos vínculos emocionais seguros, como por exemplo o suporte familiar, do ciclo de amigos ou neste caso, as conexões com os professores, que muitas vezes mal se imagina a

² “Essas etapas transitórias desenvolvidas não são fáceis, exigindo de cada indivíduo o acúmulo ou construção do autoconhecimento, influenciado pelas condições socioculturais e econômicas, perpassando nos anseios individuais, na relação familiar e na vida acadêmica construída, principalmente no conceito ou visão do papel da escola” (Silva; Rodrigues, 2025, p. 778)

importância que possui na vida do aluno. Segundo Freire (1996):

Às vezes, mal se imagina o que pode passar a representar na vida de um aluno um simples gesto do professor. O que pode um gesto aparentemente insignificante valer como força formadora ou como contribuição à do educando por si mesmo. (Freire, 1996, p. 43)

Ou seja, o apego seguro proporciona uma base emocional estável para que os adolescentes enfrentem posteriormente as mudanças com maior resiliência. No entanto, para compreender de maneira mais elaborada como os estudantes lidam com suas demandas acadêmicas e cognitivas durante essa fase, as contribuições de Jean Piaget (1884) e Lev Vygotsky (1994) são fundamentais. A teoria do desenvolvimento cognitivo de Piaget (1975) por exemplo trata essa etapa como uma transição para o estágio das operações formais, em que o pensamento abstrato e resolução de problemas ganham destaque. Segundo esse, o ser procura uma adaptação ao meio como uma forma de sobrevivência e procura equilibrar as suas necessidades internas e as situações que vem a surgir. Ou seja, de acordo com Piaget (2011):

Levando em conta, então, esta interação fundamental entre fatores internos e externos, toda conduta é uma assimilação do dado a esquemas anteriores (assimilação a esquemas hereditários em graus diversos de profundidade) e toda conduta é, ao mesmo tempo, acomodação destes esquemas a situação atual. Daí resulta que a teoria do desenvolvimento apela, necessariamente, para a noção de equilíbrio entre os fatores internos e externos ou, mais em geral, entre a assimilação e a acomodação (Piaget, 2011, p. 89).

Pensando nessa perspectiva de mudança, durante o Ensino Médio, um ponto importante é o contato com matérias que exigem maior capacidade de raciocínio lógico (pensar sobre possibilidades hipotéticas e realizar operações mentais abstratas), essa dita transição para o pensamento formal pode ser observada quando os alunos realizam experimentos ou problemas de álgebra por exemplo, visto que, eles não apenas memorizam as informações, mas começam a relacionar os conceitos e resolver problemas com maior autonomia. Tal evolução cognitiva, é essencial para a tomada de decisões mais independentes e se alinha com a busca de identidade discutida por Erikson (1968).

Por outro lado, a teoria sociocultural de Lev Vygotsky (1994), coloca grande ênfase no papel das interações sociais no desenvolvimento cognitivo. Vygotsky, apresenta o conceito da ZDP (Zona de Desenvolvimento Proximal) que expõe a existência de uma distância entre o que uma pessoa consegue fazer sozinha e com ajuda. Ou seja, ele argumenta que a aprendizagem é mediada pelas interações sociais e culturais, sendo o diálogo e a linguagem (a fala), ferramentas fundamentais para o avanço cognitivo. Carlos Fino (2001)

Representando a ZDP a diferença entre o que o aprendiz pode fazer individualmente e aquilo que é capaz de fazer com a ajuda de pessoas mais experimentadas, como outros aprendizes "especialistas" na matéria, ou o instrutor, esta formulação de Vygotsky reforça, simultaneamente, a importância do princípio de prontidão, que implica a necessidade do aprendiz ter alcançado um determinado estado de aptidão para apreender determinado material cognitivo (Fino, 2001, p. 10)

A partir disso, no Ensino Médio, os estudantes têm contato com novos grupos sociais, que influenciam diretamente o seu aprendizado, demonstrando o quanto as interações são importantes nessa fase. Portanto, atividades em grupo, debates e interações informais, são exemplos de como a mediação social é um facilitador ao desenvolvimento de novas competências cognitivas e habilidades interpessoais. Urie Bronfenbrenner (1979), com sua Teoria dos Sistemas Ecológicos, destaca a importância das múltiplas camadas de influência (do indivíduo à sociedade) no desenvolvimento humano. Com isso, amplia essa discussão ao considerar as diferentes esferas sociais que afetam os adolescentes durante essa transição, além disso ainda aponta que estes estão inseridos em um complexo sistema de relações, exemplificando, mudanças no contexto familiar podem influenciar diretamente em como o adolescente lida com essa transição.

Por isso, as escolas têm um papel crucial no apoio aos adolescentes durante essa fase. Ou seja, políticas educacionais que promovam um ambiente de acolhimento e adaptação gradual, práticas pedagógicas que valorizem as interações ou programas de mentoria e aconselhamento psicológico dentro das escolas, podem ajudar a minimizar o impacto dessa mudança e dar a devida importância a esses momentos transicionais, que muitas vezes não são articuladas com o devido cuidado³. Se faz válido ressaltar a importância do ato de se desprender a modelos tradicionais de ensino, afinal os aparelhos culturais são de suma importância na formação do ser. Acerca disso, compactuamos dos pensamentos de Freire (2008), este diz que:

Se estivesse claro para nós que foi aprendendo que percebemos ser possível ensinar, teríamos entendido com facilidade a importância das experiências informais nas ruas, nas praças, no trabalho, nas salas de aula das escolas, nos pátios dos recreios. (Freire, 2008, p. 20)

³As Diretrizes Curriculares Nacionais para a Educação Básica (2013) apontam como um dos problemas encontrados no ensino fundamental a falta de articulação dele com a educação infantil (etapa anterior) e o ensino médio (etapa posterior), além de problemas na própria articulação interna dos anos iniciais (1º ao 5º ano) com os anos finais (6º ao 9º ano)” (Cunha, 2022, p. 14).

Partindo desse pressuposto, compreende-se que os seres humanos tendem a se organizar em grupos e a estabelecer relações sociais que atravessam as diferentes atividades coletivas, sendo a escola um dos principais espaços centrais de interação na adolescência (Bronfenbrenner, 1979). Nesse contexto, as relações interpessoais exercem papel relevante na forma como os adolescentes constroem comportamentos e percepções sobre o ambiente escolar. A partir dos relatos dos entrevistados, observam-se distintas interpretações acerca do impacto da mudança de série e, em alguns casos, de escola, especialmente no que se refere aos vínculos estabelecidos. Embora muitos tenham mencionado a perda de contato com colegas e professores, a relevância atribuída a essas rupturas variou: para alguns, tratou-se de uma experiência negativa já superada, enquanto para outros, a mudança não teve grande impacto. Entretanto, à luz da teoria do apego de Bowlby (1980), tais vínculos assumem importância significativa no processo de desenvolvimento, o que sugere que os próprios estudantes podem não reconhecer plenamente os efeitos emocionais dessas perdas. Entre os depoimentos, destaca-se o relato da estudante Clara, que afirma:

C- E os alunos? Mudaram nada. As mesmas pessoas? Não, não, eu tô falando de mentalidade porque ano passado eu tinha mais uma amiga, uma melhor amiga, só que aí eu mudei de escola e eu acho que ano passado eu tinha mais dificuldade pra fazer amizade tipo assim, eu sou uma pessoa que não tem muita vergonha, não tenho vergonha de se aproximar mas o negócio era que eu era amiga dela tanto tempo e ela tinha vergonha de falar com os outros. Ai como eu ficava com ela, eu não queria deixá-la sozinha, eu ficava com ela.

À luz das contribuições de Lev Vygotsky (1994), que destaca as relações sociais e culturais como elementos centrais do desenvolvimento cognitivo, observa-se que a aluna mencionada evidencia, em seu relato, impactos significativos decorrentes da transição pesquisada. No seu caso, a mudança de escola implicou não apenas a ruptura de vínculos previamente estabelecidos e a construção de novas relações, mas também a necessidade de adaptação a um novo espaço físico. Esse processo de reorganização frente a novos ambientes, rotinas e interações pode se mostrar desgastante, demandando apoio para que o estudante vivencie essa fase de forma mais acolhedora. Em consonância com a teoria dos sistemas ecológicos de Bronfenbrenner (1979), compreende-se que a mudança de escola e a consequente perda de relações sociais impõem aos adolescentes a necessidade de adaptação e de formação de novos vínculos, os quais, tanto os rompidos quanto os em construção, exercem influência significativa sobre o desenvolvimento cognitivo.

2. A organização da rotina de estudos

Um dos primeiros aspectos analisados nesta pesquisa refere-se à forma como os adolescentes organizam sua rotina durante o Ensino Fundamental e como essa organização se apresenta atualmente no Ensino Médio. Observa-se que, embora cada estudante possua experiências singulares, há elementos comuns entre os relatos. Destaca-se, ainda, que essas duas etapas da educação básica apresentam objetivos e rotinas distintas. No que se refere ao Ensino Fundamental, a Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional (LDBEN) (Brasil, 1996, p. 27) estabelece, em seu Art. 32, que “o ensino fundamental obrigatório, com duração de 9 (nove) anos, gratuito na escola pública, iniciando-se aos 6 (seis) anos de idade, terá por objetivo a formação básica do cidadão”. Já o Ensino Médio, conforme o Art. 35 da mesma legislação, é definido da seguinte forma:

O ensino médio, etapa final da educação básica, com duração mínima de três anos, terá como finalidades: I – a consolidação e o aprofundamento dos conhecimentos adquiridos no ensino fundamental, possibilitando o prosseguimento de estudos; Lei no 9.394/1996 29 II – a preparação básica para o trabalho e a cidadania do educando, para continuar aprendendo, de modo a ser capaz de se adaptar com flexibilidade a novas condições de ocupação ou aperfeiçoamento posteriores; [...]

Considerando que o Ensino Fundamental e o Ensino Médio apresentam objetivos e características distintas, as rotinas e vivências dos estudantes tendem a sofrer mudanças ao longo dessa transição. Nesse sentido, os adolescentes entrevistados foram questionados sobre a organização de sua rotina de estudos no contexto atual. As respostas evidenciam experiências diversas; contudo, observa-se um ponto comum entre os participantes: durante o Ensino Fundamental, a maioria não desenvolvia o hábito de organizar-se para retomar ou aprofundar os conteúdos trabalhados em sala de aula. Dessa forma, a construção de uma rotina de estudos não figurava entre suas prioridades, tornando-se uma necessidade apenas com o ingresso no primeiro ano do Ensino Médio. Ao abordar essa questão, Kaique limitou-se a afirmar que não dispunha de tempo para estudar, enquanto Lucas relatou que:

L- Geralmente é assim, eu faço atividade de manhã, porque à noite eu chego bem tarde, porque eu não moro muito perto da escola. [...] Fui um aluno ótimo no nono ano, não querendo me gabar, né? Mas esse ano eu diria que eu me deixei relaxar. Não que caiu as notas, que estão péssimas, mas não era o que eu esperava.

A partir do relato de Lucas, observa-se que o estudante dispõe de um período do dia destinado à realização de suas atividades escolares, realidade distinta da vivenciada por Kaique, que não consegue reservar sequer um intervalo específico para os estudos. Assim, apesar de frequentarem a mesma série, escola e residirem na mesma cidade, ambos apresentam rotinas de estudo contrastantes, evidenciando que esse aspecto ultrapassa fatores

institucionais ou geográficos, mas se trata de diferentes juventudes⁴. Tal diferença aponta para a existência de múltiplos obstáculos que influenciam a organização do tempo dos estudantes, alguns dos quais serão aprofundados ao longo deste artigo. Nesse sentido, ao tratar da noção de rotina, Barbosa (2000) afirma:

As rotinas podem ser vistas como produtos culturais criados, produzidos e reproduzidos no dia a dia, tendo como o objetivo a organização da cotidianidade. São rotineiras m conjunto de atividades, como cozinhar, dormir, estudar, trabalhar e cuidar da casa, reguladas por costumes e desenvolvidas em um espaço e tempo social definido e próximo, como a casa, a comunidade ou o local, tornam-se automatizadas, pois é preciso ter modos de organizar a vida. Do contrário, seria muito difícil viver se, todos os dias, fosse necessário refletir sobre todos os aspectos dos atos cotidianos. (Barbosa, 2000, p. 43)

Retomando a fala dos estudantes, observa-se que muitos não esperavam a queda de suas notas ao ingressar no Ensino Médio. Vindos de uma realidade em que os conteúdos eram menos complexos e o desempenho costumava ser alto, não sentiam necessidade de criar uma rotina de estudos, o que tornou difícil estabelecer esse hábito posteriormente, aumentando a pressão acadêmica. No Ensino Médio, há maior expectativa de autonomia e autogestão, e o aumento das responsabilidades pode gerar ansiedade, especialmente para aqueles que não desenvolveram plenamente essas habilidades no Ensino Fundamental⁵. Além disso, a inclusão de novas disciplinas e a preparação para vestibulares e Enem ampliam a quantidade de conteúdos a serem assimilados, exigindo organização eficiente. Muitos estudantes relatam dificuldade em gerir o tempo, como Ingrid (15 anos), que afirma: *“Faço os meus afazeres de casa, tento dar uma estudada, mas pra mim é muito difícil”*. Assim, a falta de habilidades organizacionais combinada com a carga maior de disciplinas pode levar à execução apressada das tarefas, comprometendo o rendimento e a qualidade do aprendizado. Por outro lado, esse aumento de responsabilidades também pode acarretar em abdicação de outros compromissos, como complementa Ingrid:

I - Eu, por exemplo, tinha dias uns três dias na semana, que eu chegava em casa uma e pouco e às três e meia eu já tava saindo de casa pra ir pro vôlei e eu passava até de noite e chegava de noite em casa. Então era um lazer que eu tinha. [...] Tem uma falta que faz.

⁴ “Ao abordar a juventude ou juventudes, faz-se necessário compreendermos como sujeitos da história, embalados por sonhos e na perspectiva de mudanças constituídas pelas diversidades do processo histórico, social e culturais”. (Silva; Rodrigues, 2025, p. 779)

⁵ “São observados acontecimentos como crises de ansiedade, choros intensos em momentos de avaliação, insegurança nas relações em construção na escola, desestabilização da autoeficácia e também da autoestima. Revelam, várias vezes, carência de recursos pessoais adequados para lidar com a transição escolar, ao apresentarem desorganização da rotina escolar, incompreensão do funcionamento da educação profissional e dificuldade de lidar com o nível mais alto de exigência dos professores e das regras escolares”. (Gomes, 2018, s/p).

Muitos alunos relataram dificuldade em equilibrar a crescente carga horária acadêmica com compromissos extracurriculares, como esportes, atividades culturais, cursos complementares e momentos de lazer. Com o aumento do número de disciplinas e da complexidade dos conteúdos no Ensino Médio, o tempo dedicado aos estudos reduz a participação nessas atividades, fundamentais para o desenvolvimento social, emocional e físico dos jovens, o que pode gerar estresse, ansiedade e comprometendo concentração e produtividade. A ausência de descanso e de atividades recreativas pode causar esgotamento, se destoando do que Paulo Freire, em *Pedagogia da Autonomia* (1996), destaca no tópico “Ensinar exige alegria e esperança”:

O meu envolvimento com a prática educativa, sabidamente política, moral, gnosiológica, jamais deixou de ser feita com alegria, o que não significa dizer que tenha invariavelmente podido criá-la nos educandos (Freire, 1996, p. 35).

Assim, mesmo que o docente esteja motivado e feliz em sua prática pedagógica, isso não garante que os estudantes compartilhem desse mesmo bem-estar, pois é difícil imaginar adolescentes plenamente felizes sem momentos de lazer, hobbies e tempo de qualidade. Portanto, o equilíbrio entre as responsabilidades escolares e as atividades extracurriculares é, assim, essencial para assegurar um desenvolvimento saudável e sustentável.

3. Organização do tempo e locomoção

Antes de tudo, é importante considerar que a realidade socioeconômica dos participantes nem sempre é favorável, especialmente nas escolas públicas estaduais. A partir desse contexto, o presente tópico buscará investigar os meios de transporte utilizados pelos jovens para chegar à instituição. Vale destacar que o colégio está situado em uma área nobre de Fortaleza, enquanto muitos alunos residem em bairros mais afastados, mas, motivados pela qualidade do ensino, saem de casa ainda antes do nascer do sol em busca de aprendizado. Considerando que grande parte depende do transporte público para se deslocar, especialmente em grandes centros urbanos, os pesquisadores avaliaram relevante evidenciar as dificuldades relacionadas à gestão do tempo desses estudantes e o impacto desse fator em sua rotina de estudos dentro de um novo contexto educacional.

Durante a aplicação dos questionários, os adolescentes relataram que a dificuldade em administrar o tempo na nova rotina tem impactado tanto os processos de aprendizagem quanto a interação social, apontando o deslocamento como uma das principais mudanças percebidas. Para eles, a gestão do tempo tornou-se essencial, já que as novas demandas da

rotina exigem uma organização diferente da que possuíam anteriormente, considerando alterações nos trajetos e a inclusão de atividades extracurriculares. Em outras palavras, a pressa passou a fazer parte do cotidiano, inserida em uma sociedade marcada pelo ritmo acelerado. Nesse contexto, Alves (2014, p. 138) ressalta que: “Somos seres da natureza como os animais e as plantas. E a natureza é sempre vagarosa. É perigoso introduzir a pressa num corpo que tem suas raízes na lentidão da natureza”.

Em síntese, no processo de reorganização cognitiva das novas atividades, à luz dos conceitos de Piaget, o horário de acordar se destacou como um dos principais elementos mencionados pelos estudantes. Alguns precisaram levantar-se mais cedo para realizar tarefas domésticas, se preparar para ir à escola e pegar o transporte, ou para cumprir as atividades escolares, sendo este último aspecto quase unânime entre os entrevistados. Todos reconheceram a necessidade de dedicar mais tempo aos estudos do que no Ensino Fundamental, refletida, como mencionado anteriormente, em notas mais baixas devido à falta de tempo para consolidar o aprendizado. Por outro lado, alguns estudantes relataram que passaram a acordar mais tarde em função da mudança de turno, saindo do período da manhã para a tarde, o que exigiu que toda a rotina diária fosse reorganizada para se adaptar a essa nova dinâmica.

C - Só que eu estudava de manhã. Então eu ia pra escola a pé, porque era mais perto, né? E eu estudava muito menos do que no ano passado. Quer dizer, que esse ano. Ano passado eu mal estudava. Tipo assim, eu só fazia atividade quando eu tava na escola e estudava só antes da prova mesmo, mas esse ano eu comecei a estudar mais, comecei a focar, sabe?

O relato da jovem evidencia outro aspecto relevante: o meio de locomoção utilizado pelos estudantes para chegar à escola. Lev Vygotsky (1994) destaca que a cultura exerce influência significativa na formação dos indivíduos, o que se reflete na experiência dos informantes com o transporte público. Muitos relataram utilizá-lo como principal meio de deslocamento, sendo que, para alguns, esta era a primeira vez em que precisavam recorrer a esse serviço. Embora o transporte coletivo seja uma realidade do contexto urbano em que vivem, para esses estudantes ainda representava algo incomum, o que torna a adaptação cultural e prática um desafio. Ao analisar a rotina, é fundamental considerar as dificuldades enfrentadas por aqueles que precisam se preocupar com deslocamento. Em Fortaleza, o trânsito nos horários de pico é intenso, e organizar o tempo diário exige planejamento que vai além das tarefas escolares. Os estudantes precisam desenvolver estratégias para lidar com situações como ônibus lotados, cansaço, chegadas tardias em casa e riscos à segurança noturna. Dessa forma, a locomoção se

mostra um fator crucial quando se discutem barreiras à rotina escolar.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Conclui-se que, o estudo analisa a transição do Ensino Fundamental para o Ensino Médio de cinco estudantes, identificando pontos como: A importância das relações sociais durante essa fase, a rotina de estudos dos entrevistados ou falta dela, como se dá a organização de tempo dos mesmos e qual o impacto dos meios de locomoção nesse processo organizacional. Além disso, o trabalho evidencia o papel do professor e da escola mediante essa fase, vale ressaltar que todos os tópicos foram estruturados a partir das respostas após entrevistas semi-estruturadas com os referidos anteriormente. Por fim, o estudo aponta a passagem pesquisada como um percurso complexo e que envolve diferentes camadas, reafirmando a necessidade de um maior debate sobre esses processos de mudança, pois os mesmos afetam as adolescências de forma significativa.

Referências Bibliográficas

- ABREU, Cristiano Nabuco de. **do apego: fundamentos, pesquisas e implicações clínicas**. São Paulo: Casa Do Psicólogo, 2005.
- ALVES, Rubem. **Ostra feliz não faz pérola**. São Paulo: Planeta, 2014.
- BARBOSA, Maria Carmen Silveira. **Por amor & por força: rotinas na Educação Infantil**. São Paulo: Campinas, [s.n.], 2000.
- BOWLBY, J. **Attachment and Loss**. 2. ed. New York: Basic Books, 1982. v. 1
- BOWLBY, John. **Attachment and loss**. v. 3: Loss, sadness and depression. New York: Basic Books, 1980.
- BRASIL. **Lei nº 9.394, de 20 de dezembro de 1996**. Estabelece as diretrizes e bases da educação nacional. *Diário Oficial da União*: Brasília, DF, 23 dez. 1996. Disponível em: http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/leis/19394.htm. Acesso em: 28 set. 2025.
- BRONFENBRENNER, U. **The ecology of human development: Experiments by nature and design**. Cambridge: Harvard University Press, 1979.
- CUNHA, J. A. **Entre pontes e abismos: a transição do ensino fundamental para o ensino médio integrado sob o olhar de alunos ingressantes**. 2022. 199 f. Dissertação (Mestrado em Educação Profissional e Tecnológica) – Instituto Federal do Amazonas (IFAM), Campus Manaus, Manaus, 2022.
- ERIKSON, Erik. **Identidade, Juventude e Crise**. Rio de Janeiro: Zahar, 1976.
- ERIKSON, Erik. **O ciclo de vida completo**. Trad. Maria Adriana Veríssimo Veronese. Porto Alegre: Artes Médicas, 1998.
- ERIKSON, Erik H. **Childhood and society**. 2. ed. New York: Basic Books, 1980.
- FINO, Carlos Nogueira. **Vygotsky e a zona de desenvolvimento proximal (ZDP): três implicações pedagógicas**. Revista Portuguesa de Educação, v. 14, n. 2, p. 273-291, 2001.
- FIORENTINI, D; LORENZATO, S. **Investigações em educação matemática: percursos teóricos e metodológicos**. São Paulo: Autores associados, 2006.
- FREIRE, Paulo. **Pedagogia da Autonomia: Saberes necessários à prática educativa**. 25. ed.

São Paulo: Paz e Terra, 1996.

GOMES, Ramon Cerqueira. **Regulação semiótica no self educacional de adolescentes na transição para o ensino médio profissionalizante: a atuação da exotopia dentre as posições do eu**. 2018. Tese (Doutorado em Psicologia) – Universidade Federal da Bahia, Salvador, 2018. Disponível em: <http://repositorio.ufba.br/ri/handle/ri/27216>. Acesso em: 24 jan. 2026.

PIAGET, Jean. **Seis estudos de psicologia**. Tradução de Maria Alice Guimarães D'Amorim e Paulo Sérgio Lima Silva. 12. ed. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 1984.

PIAGET, Jean. **Seis estudos de Piaget**. Tradução: Maria Alice Magalhães D'Amorim e Paulo Sérgio Lima Silva. 25ª ed. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 2011.

SILVA, Elaine Cristina Moreira da; PAZ, Anne Caroline dos Santos; OLIVEIRA, Renata Fernanda Nabas. **A importância do olhar pedagógico na transição da educação infantil para o ensino fundamental**. Revista Educação em Debate, Fortaleza (CE), ano 41, n. 78, p. 20–32, jan./abr. 2019.

SILVA, Raimundo Jackson Nogueira da; RODRIGUES, Bárbara Suellen Ferreira. **Transição do ensino fundamental para o ensino médio integrado: um estudo de caso no IFCE Campus Canindé**. Revista Brasileira de Educação e Saúde, v. 15, n. 3, p. 778–796, 2025. DOI: 10.18378/rebes.v15i3.11041.

VYGOTSKY, L. S. **Pensamento e Linguagem**. Trad. Jefferson Luiz Camargo. São Paulo: Martins Fontes, 1994.

XVI
FRPED